

Projeto Comp. Gráfica

Carlos Eduardo Nogueira Silva
Felipe Gomes da Silva
Gabriel Martins Brum
Luis Henrique Salomão Lobato

Setembro, 2025

Sumário

| | | |
|-----------|---|----------|
| 1 | Introdução | 2 |
| 2 | Sistemas de Partículas | 2 |
| 2.1 | Fundamentação | 2 |
| 2.1.1 | Problemas | 3 |
| 3 | Simulação de Fluidos em Computação Gráfica | 3 |
| 3.1 | Fundamentação | 3 |
| 4 | Geração Procedural de Terrenos | 4 |
| 4.1 | Noise | 4 |
| 4.1.1 | Fractional Brownian Motion no Perlin Noise (or fractal noise) | 7 |
| 4.2 | Mapeamento de Texturas | 7 |
| 5 | Volumes | 8 |
| 6 | Justificativa | 8 |
| 7 | Objetivos | 8 |
| 8 | Metodologia | 8 |
| 9 | Resultados | 8 |
| 10 | Conclusão | 8 |

1 Introdução

Em 1952 o computador MANIAC (Mathematical Analyzer, Numerical Integrator, and Computer) ou IAS foi construindo, prometendo resolver problemas matemáticos antes tidos como ou muito difíceis, ou muito demandantes de processamento humano. Em geral, podemos associar os seguintes problemas que rodavam no IAS (citados por Dyson em Turing's Cathedral: The Origins of the Digital Universe [4]) ao objeto de estudo do nosso projeto, a física:

1. Explosões nucleares, medidas em microsegundos
2. Ondas de choque, que variavam em tempo de microsegundos a minutos
3. Meteorologia
4. Evolução biológica
5. Evolução estelar

Para explicitar esses avanços e, em especial, explorar a computação gráfica aplicada na física sobre o tempo, escolheu-se trabalhar com o tema de simulação de ambientes, unindo temáticas como sistemas de partículas, fluidos e terrenos. Estes tópicos, apesar de a priori parecem desconexos e um pouco restritivos quanto ao tema, são extremamente relevantes para a computação gráfica, e são amplamente utilizados em jogos, filmes e outras mídias visuais, além de terem fomentado a base para todas as simulações e aplicações físicas futuras.

Faz-se uma menção honrosa aos corpos rígidos e tecidos, que também são temas extremamente relevantes e interessantes, mas que por limitações de tempo e escopo do projeto, não puderam ser abordados.

2 Sistemas de Partículas

“Particle Systems—A Technique for Modeling a Class of Fuzzy Objects” -> primeiro artigo referente a modelagem de eventos chamados “nebulosos”. Em geral, o modelo inova ao trocar a anterior representação de superfícies dos trabalhos previos. Usa-se de um oscilador estocástico. Esta técnica foi empregada no filme Star Trek II: The Wrath of Khan - minuto 1.39

Este paper representa a primeira aparição de um sistema de partículas, alterando a representação de primitivas anterior, como polígonos com extremidades definidas, mas como nuvens de partículas primitivas que definem seu volume (futuramente a representação Point Cloud também seria utilizada). Esse volume de partículas também não é uma entidade por si só, cada partícula tem seu *lifetime* próprio com a passagem do tempo (esta modelada por uma série de oscilações estocásticas - randômicas ou pseudo).

Este projeto deriva de ideias prévias relacionadas aos videogames (provavelmente a primeira aplicação de cg em escala), como o grandíssimo Evans e Sutherland Flight Simulator, que, além de ser o projeto inventor dos frame buffers (lembrem do swap buffers do opengl), iniciou (primitivamente) o processamento de explosões com um sistema simples de colisão e a tentativa de renderizar esse elemento “fuzzy” (como o fogo) mas sem a aleatoriedade esperada.

evans e sutherland

paper evans e sutherland

2.1 Fundamentação

Para renderizar esse sistema, o seguinte pipeline é seguido: (1) novas partículas são introduzidas no sistema, (2) cada partícula recebe seus atributos individualmente, (3) toda partícula que exista no sistema depois de passar do seu tempo de vida, são removidas; (4) as partículas

restantes se movem baseadas nos seus atributos dinâmicos e (5) a imagem do sistema é criada no frame buffer.

Este paper tratou alguns parâmetros dos sistemas de partículas:

- numero de partículas geradas (densidade): $NParts_f = MeanParts_f + Rand() \times VarParts_f \rightarrow$ media de partículas que o sistema deve ter somado a um um valor randômico de -1 a 1 * a variância de partículas desejado.
- variância: o programador pode alterar a media através de alguma função qualquer, alterando o tamanho do volume.

Em geral, cada nova partícula possui:

1. Posição inicial
2. Velocidade e direção iniciais
3. Tamanho inicial
4. Cor inicial
5. Transparência inicial
6. Formato
7. Tempo de vida (em frames)

2.1.1 Problemas

O artigo cita três problemas: (1) partículas não podem interagir com outras superfícies (2) só há interação de fato através de planos de projeção que limitam o crescimento das partículas. (3) toda partícula eh um emissor de luz, que adiciona luz para as partículas internas e externas, não sendo factível com a realidade.

3 Simulação de Fluidos em Computação Gráfica

Os maiores desafios da simulação de fluidos está nos aspectos fisicos que se aplicam, como por exemplo, convecção, difusão, turbulência e tensão superficial [3]. No entanto, essas simulações eram (ao menos em 2003) quase inviáveis para serem empregadas em tempo real, portanto a precisão acaba sendo deixada parcialmente de lado nestas simulações.

A simulação de fluidos começou, basicamente, com a equação de de Navier-Stokes que descrevem a dinamica dos fluidos (não vamos nos aprofundar, mas para efeito de curiosidade, esse sistema de equações diferenciais se baseia em derivadas parciais e permitem determinar os campos de velocidade e de pressão num escoamento de fluidos). Sua forma geral é dada por:

$$\rho \frac{D\mathbf{v}}{Dt} = -\nabla p + \mu \nabla^2 \mathbf{v} + \rho \mathbf{f}$$

3.1 Fundamentação

Uma explicação simples: a equação de Navier-Stokes descreve como o movimento de um fluido é influenciado pela pressão, viscosidade e forças externas. Nela, ρ é a densidade do fluido, \mathbf{v} é o vetor velocidade, p é a pressão, μ é o coeficiente de viscosidade, e \mathbf{f} representa forças externas (como gravidade). Ela permite calcular como o fluido se move e se comporta em diferentes situações. Essa equação pode ser vista como um vetor de forças que atuam sobre o fluido, sendo representado como vetores de velocidades no espaço.

Para quem quiser se aprofundar.

Em 1983, T. Reeves [10] introduziu sistemas de partículas como uma técnica para modelar uma classe de objetos difusos. Desde então, tanto a abordagem Lagrangiana baseada em partículas quanto a abordagem Euleriana baseada em grades têm sido usadas para simular fluidos em computação gráfica. Desbrun e Cani [3] e Tonnesen [12] utilizam partículas para animar objetos macios. As partículas também foram usadas para animar superfícies [13], controlar superfícies implícitas [1] e animar fluxos de lava [2]. Nos últimos anos, a abordagem Euleriana tem sido mais popular para a simulação de fluidos em geral [6], água [11, 7, 5], objetos macios [8] e efeitos de derretimento [2].

O artigo de Müller et al. (2003) [?] apresenta uma abordagem eficiente para simulação de fluidos baseada em Smoothed Particle Hydrodynamics (SPH). O método SPH representa o fluido como um conjunto de partículas, onde cada partícula carrega propriedades como massa, posição, velocidade e densidade. As interações entre partículas são calculadas usando funções de suavização (kernels), permitindo simular efeitos como pressão, viscosidade e forças externas.

As principais fórmulas utilizadas no SPH são:

- Densidade:

$$\rho_i = \sum_j m_j W(|\mathbf{r}_i - \mathbf{r}_j|, h)$$

onde ρ_i é a densidade da partícula i , m_j é a massa da partícula j , W é o kernel de suavização e h é o raio de influência.

- Pressão:

$$\mathbf{f}_i^{\text{pressão}} = - \sum_j m_j \frac{p_i + p_j}{2\rho_j} \nabla W(|\mathbf{r}_i - \mathbf{r}_j|, h)$$

onde p_i e p_j são as pressões das partículas i e j .

- Viscosidade:

$$\mathbf{f}_i^{\text{visc}} = \mu \sum_j m_j \frac{\mathbf{v}_j - \mathbf{v}_i}{\rho_j} \nabla^2 W(|\mathbf{r}_i - \mathbf{r}_j|, h)$$

onde μ é o coeficiente de viscosidade e \mathbf{v}_i , \mathbf{v}_j são as velocidades das partículas.

Essas fórmulas permitem calcular as forças que atuam sobre cada partícula, resultando em simulações de líquidos realistas e eficientes para aplicações interativas.

4 Geração Procedural de Terrenos

A geração procedural de terrenos é uma técnica amplamente utilizada em computação gráfica para criar ambientes naturais de forma automática e eficiente. Essa técnica é especialmente útil em jogos, simulações e visualizações onde a criação manual de terrenos seria impraticável devido à sua complexidade e escala.

Em especial, trataremos de uma técnica bastante utilizada, o Perlin Noise, e uma variação deste, o Fractional Brownian Motion (fBm).

4.1 Noise

A princípio, o “Noise” foi definido como uma primitiva de modelagem de textura para o Pixel Streaming Editor que o Ken Perlin [9] propôs, mas a implementação da técnica pode ser reproduzida em outras ferramentas.

Em um espaço vetorial onde cada ponto para as coordenadas x, y, z são inteiros, cada ponto deste conjunto pode ser associado a um valor “pseudorandom”, onde x, y, z são valores gradientes. Deste modo, deve-se mapear cada sequência ordenada de três inteiros em uma sequência ordenada de 4 números reais, de modo que:

$[a, b, c, d] = H([x, y, z])$ onde $[a, b, c, d]$ definem a equação com o gradiente $[a, b, c]$ e o valor “d” em $[x, y, z]$. $H()$ seria uma função HASH.

A partir disso, se $[x, y, z]$ está neste set de inteiros, é definido o $Noise([x, y, z]) = d[x, y, z]$, interpretado como um sinal (apresenta frequência).

Com estas definições, supondo um vetor aleatório array, e que ele representa um Donut $color = white * Noise(array)$, com a aplicação desta “transformada” foi possível criar essas ondulações no donut com as texturas brancas, de forma aleatória.

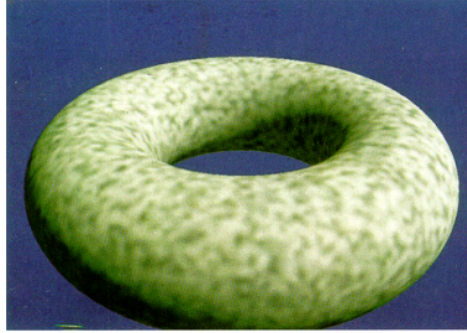


Figura 1: Donut com textura Noise aplicada

$color = Colorful(Noise(k * array))$ outro possível exemplo de aplicação,



Figura 2: Esfera com textura Noise aplicada



Figura 3: Cubo com textura Noise aplicada

Outra técnica seria o vetor diferencial do $Noise()$, que é definido pela taxa de variação instantânea do “ruído” através das três direções, chamados de $Dnoise()$.

A partir desta aplicação fica possível criar outros tipos de perturbação, originando novas superfícies e texturas.

$$normal+ = Dnoise(array)$$

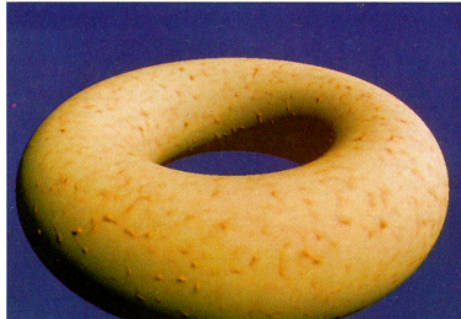


Figura 4: Donut com textura Dnoise aplicada

Como estes cálculos e técnicas são aplicados em nível de pixel, a frequência de cada pixel é que está sendo utilizada, logo, qualquer frequência de taxa mais alta que não seja desejada é automaticamente removida.

Exemplo de cálculo com a frequência inversa, aplicando transformações em todos os octetos:

```
f=1
while (f < pixel_freq):
    normal + = Dnoise(f * point)
    f*=2
```

O autor descreve uma técnica para simular a aparência de mármore usando a função Noise(). O método parte do princípio de que a aparência do mármore resulta de camadas heterogêneas que foram deformadas por forças turbulentas antes de se solidificarem. A abordagem é, portanto, uma combinação de uma estrutura regular e simples (as camadas) com uma complexa estrutura estocástica (o ruído da turbulência). A base do modelo são as camadas, representadas por uma simples onda senoidal, $\sin(x)$. O autor usa a coordenada `point[1]` como o input para essa função, e o valor resultante é então mapeado para cores através de uma função auxiliar `marble_color()`. Para adicionar o realismo das forças turbulentas, o autor introduz uma função `turbulence()`. Esta função é usada para perturbar a coordenada de entrada `x` antes que ela seja passada para a onda senoidal. O pseudocódigo que combina esses elementos é o seguinte:

```
function marble(point)
    x = point[1] + turbulence(point)
    return marble\_color(sin(x))
```

A função `turbulence()` é, por sua vez, uma soma de ruído em diferentes escalas, um processo que cria um padrão auto-semelhante ou $1/f$. O algoritmo para a `turbulence()` é detalhado como:

```
function turbulence(p)
    t = 0
```

```

scale = 1
while (scale > pixelsize)
    t += abs(Noise(p / scale) * scale)
    scale *= 2
return t

```

Este procedimento garante que a quantidade de ruído adicionada em cada escala seja proporcional ao seu tamanho, resultando na impressão visual de movimento browniano. Além disso, o uso da função `abs()` em cada iteração assegura que o gradiente da textura tenha limites descontínuos em todas as escalas, o que é interpretado visualmente como fluxo turbulento



Figura 5: Textura de mármore gerada com a função `marble()`

4.1.1 Fractional Brownian Motion no Perlin Noise (or fractal noise)

Fractional Brownian Motion (fBm) é uma técnica utilizada para gerar texturas e superfícies naturais em computação gráfica, especialmente em simulações de terrenos, nuvens e outros fenômenos naturais. A fBm é uma extensão do conceito de movimento browniano, que descreve o movimento aleatório de partículas em um fluido. Na fBm, esse movimento é caracterizado por uma escala fractal, permitindo a criação de padrões auto-similares em diferentes níveis de detalhe [9].

Para isso, a fBm é construída somando várias camadas de ruído Perlin, cada uma com uma frequência e amplitude diferentes. A fórmula geral para calcular a fBm é dada por:

$$fBm(x, y, z) = \sum_{i=0}^{n-1} amplitude_i \cdot Noise(frequency_i \cdot (x, y, z))$$

4.2 Mapeamento de Texturas

Qualquer função que apresente o domínio entre as dimensões pode ser considerado uma “função espacial”. A partir disso, cada função espacial pode ser interpretada como a representação de um material sólido.

Desta forma, ao avaliar estas funções nos pontos visíveis da superfície de um objeto, é possível obter a textura da superfície, de modo parecido a ter “contornado” o objeto. A textura obtida a partir deste tipo de extração foi tratada como “textura sólida”. Este termo foi usado posteriormente para a descrição da variedade de objetos e explicação de outros conceitos.

5 Volumes

modelagem de forma (lifetime de particulas):

- Ruído Procedural
- Mapas de Ruído 3D

Modelagem de textura (shading)

- Ray Marching
- Light Scattering
- SDF

6 Justificativa

Justificativa

7 Objetivos

obj

8 Metodologia

Metodologia

9 Resultados

Resultados

10 Conclusão

Concluido

Referências

- [1] Jules Bloomenthal. *Introduction to Implicit Surfaces*. Morgan Kaufmann, 1997.
- [2] Mark Carlson, Peter J. Mucha, Robert Van Horn, and Dimitris Metaxas. Melting and flowing. In *ACM SIGGRAPH/Eurographics Symposium on Computer Animation*, 2002.
- [3] Mathieu Desbrun and Marie-Paule Cani. Smoothed particles: A new paradigm for animating highly deformable bodies. In *Eurographics Workshop on Computer Animation and Simulation*, 1996.
- [4] George Dyson. Turing’s cathedral: The origins of the digital universe. *Nature*, 482(7386):461–462, 2012.
- [5] Doug Enright, Ronald Fedkiw, Joel Ferziger, and Ian Mitchell. Animation and rendering of complex water surfaces. *ACM Transactions on Graphics*, 21(3):736–744, 2002.
- [6] Ronald Fedkiw, Jos Stam, and Henrik Wann Jensen. Visual simulation of smoke. In *SIGGRAPH 2001*, 2001.
- [7] Nick Foster and Dimitris Metaxas. Realistic animation of liquids. *Graphical Models and Image Processing*, 58(5):471–483, 1996.

- [8] Matthias Müller, Julie Dorsey, Leonard McMillan, Robert Jagnow, and Barbara Cutler. Stable real-time deformations. In *ACM SIGGRAPH/Eurographics Symposium on Computer Animation*, 2002.
- [9] Ken Perlin. An image synthesizer. *ACM SIGGRAPH Computer Graphics*, 19(3):287–296, 1985.
- [10] William T. Reeves. Particle systems—a technique for modeling a class of fuzzy objects. *ACM Transactions on Graphics*, 2(2):91–108, 1983.
- [11] Jos Stam. Stable fluids. In *SIGGRAPH 99*, 1999.
- [12] Dan Tonnesen. *Dynamically coupled particle systems for geometric modeling, reconstruction, and motion simulation*. PhD thesis, University of Copenhagen, 1998.
- [13] Andrew Witkin and Michael Kass. Reaction-diffusion textures. In *SIGGRAPH '91*, 1991.